



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

SER MULHER E AS VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS

MARIA APARECIDA SOUZA COUTO

ANABELA MAURÍCIO DE SANTANA

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO: Este artigo busca identificar o que significa ser mulher e os valores sobre os quais está sendo pautada a construção das identidades de gênero de alunos e alunas do ensino médio esquadrinhando a conexão com as violências nas escolas, tendo como campo empírico uma escola da rede pública estadual de Aracaju/SE. O estudo de caso de cunho etnográfico permitiu observar situações corriqueiras confrontadas posteriormente com a entrevista em profundidade e referencial teórico pautado nos estudos de gênero. As respondentes revelam suas representações sobre as agruras de tornar-se mulher num contexto social em que a representação da masculinidade pautada em padrões tradicionais tatua nos homens identidades de gênero que tem na violência um dos principais suportes na construção dos processos identitários no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Escola; Identidades de Gênero; Violência. **ABSTRACT:** This article seeks to identify what it means to be a woman and the values on which is being guided the construction of students gender identities and high school students scanning the connection with violence in schools, with the empirical field a school of public schools Aracaju / SE. The case study of ethnographic allowed to observe everyday situations later confronted with the in-depth interview and theoretical ruled in gender studies. The respondents reveal their representations about the hardships of becoming a woman in a social context in which the representation of masculinity guided by traditional patterns tattooed men gender identities that violence has one of the mainstays in the construction of identity processes in everyday school life. **Keywords:** School; Gender Identities; Violence.

Introdução Escolher um objeto de pesquisa é ver-se atravessado por muitas dúvidas e poucas

certezas. É um processo que exige reiterados questionamentos sobre a pertinência da investigação e, principalmente, sobre a contribuição efetiva para o campo do conhecimento a que se destina sob pena de reeditar temáticas exaustivamente exploradas. Neste sentido, elencar possibilidades de temáticas e abordagens do objeto de estudo constitui-se em trabalho extenuante que requer do pesquisador o mínimo de conhecimento prévio sobre a questão levantada e o que espera revelar, especificado na elaboração do estado da arte e na delimitação dos objetivos, para que a empreitada alcance resultados consistentes. Imbuída dessa responsabilidade, investigar o que é ser mulher, tendo como sujeitos da pesquisa o recorte geracional formado por jovens alunas e alunos do ensino médio, buscando estabelecer conexões com a violência anuncia-se como problemática pouco explorada nos estudos sobre violência e gênero na atualidade. Tem-se atribuído especial atenção ao grupo etário constituído por representantes do segmento geracional formado por pessoas adultas, dispensando pouca importância à fase que o antecede. Há que se considerar a adolescência não apenas como fase anterior à fase adulta de desenvolvimento etário e emocional, mas também como segmento imerso em espaços de interação nos quais as relações sociais constituídas contribuem para moldar suas identidades de gênero, constituindo-se em base para o seu fazer, ser e agir cotidiano. Compreende-se que no cotidiano escolar ocorrem interações entre os diversos sujeitos que compõem a escola, proporcionando a troca de aprendizagens que se dão formalmente nas salas em contextos de aula assim como informalmente através das interações, ambas importantes no processo de formação das identidades de gênero. Desde que gênero é aqui compreendido a partir das contribuições de Joan Scott (1991), como a construção social do masculino e do feminino, nos leva a reconhecer que a construção das identidades trás em si o aspecto relacional existente entre homens e mulheres bem como a consideração do aspecto cultural e histórico do contexto específico em que ocorrem. Portanto, as experiências vivenciadas nas relações sociais travadas na escola contribuem sobremaneira para a edificação de identidades masculinas e femininas. Há que se considerar que as identidades não são fixas e imutáveis, ao contrário, estão sempre se (re)constituindo, são fluídas, instáveis e intercambiantes, o mesmo sujeito trás em si diversas identidades além da identidade de gênero, todas elas instáveis e propensas a transformações, deslocamentos (des)construções.

[...] as identidades de gênero estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como

também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (LOURO, 1997, p. 28). Neste sentido, o espaço escolar ganha força e relevância por constituir-se em espaço de aglutinação de faixas etárias similares; espaço onde há o encontro de identidades e diferenças, onde os conceitos de igualdade e desigualdade mostram suas faces mais cruéis contribuindo para os primeiros traumas, choques e conflitos por vezes desencadeadores de violências diversas. Compreender o espaço da escola e a sua dinâmica denota discuti-la não apenas do ponto de vista da constituição e da difusão de conteúdos cognitivos e simbólicos, mas também a partir das suas características próprias, sua linguagem, seu imaginário, entre outros. A escola necessita ser compreendida por meio de um processo de reconstrução acerca dos discursos e dos saberes sobre o gênero, o mercado de trabalho, a sexualidade, a classe social, a geração e a etnia, além de outras categorias que possam surgir no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, percebe-se a necessidade de se entender a questão do gênero dentro do universo escolar, como assim expressa Santana (2014). Dessa reflexão, é oportuno salientar que, antes de tudo, a escola é um espaço de onde emanam ideias, dúvidas, hipóteses e tentativas que objetivam encontrar respostas. Entretanto, ela não é o único universo responsável pelas transformações sociais e ideológicas, mesmo sendo este um espaço privilegiado de debates sobre a construção das identidades e das representações. Igualmente, a ela devem se juntar outras instituições (a Igreja, a família), as quais, por sua vez, também têm promovido reflexões acerca do papel social da mulher e de sua participação política e histórica. Deve-se considerar que a escola que temos hoje no Brasil tende a não reconhecer no jovem um sujeito com história, experiências, vivências que o singulariza frente aos demais jovens que convivem no cotidiano escolar, e, assim, tornam-se incapazes de revelar quem são e o que pretendem ao frequentar a escola, ou seja, o que é a(o) aluna(o) para além da escola. Abramo (2005) assegura que embora seja um termo que parece óbvio, palavra que se explica por si mesmo ou assunto sobre o qual todo mundo tem algo a dizer, segmento etário jovem (idade entre 15 e 24 anos) tem como característica a *juventude*, termo que se mostra impreciso e escorregadio quando se procura precisar um pouco mais o próprio sentido. Destaca que o termo nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas

políticas, mas ainda persistem as indagações sobre o que está sendo designado por ele. Pode-se afirmar que há vários discursos em andamento (explícitos ou não), e um deles, “se faz sobre os sentidos do termo juventude que traduz uma disputa pelo papel que se quer atribuir a esta categoria na conjuntura histórica atual, e sobre de que modo deve ser tomado como foco para as políticas públicas” (ABRAMO, 2005, p. 40). Em seu conjunto, a escola tende a ignorar o que representa ser jovem na atualidade, os conflitos e anseios que permeiam a construção de suas identidades, os diversos e midiáticos locais por onde transitam, a moda, o lazer, a insegurança nas ruas e casas, as inúmeras configurações de família, a sedução representada pelo prazer ilusório proveniente do uso de drogas lícitas e ilícitas, entre outros aspectos, dentre eles como são construídas as identidade de gênero no contexto escolar, as implicações dessa formação na vida de cada aluno(a), ou seja, como as relações sociais se organizam a partir da identidade social de corpos sexuados. É sabido que, muito embora representem a maioria de matriculadas e de docentes o sujeito feminino é ignorado, em geral há uma uniformização do sujeito aluno para referir-se ao masculino ou feminino. Assim, numa escola marcadamente heterossexual, pouco espaço têm as mulheres no sentido de serem tratadas de acordo com o seu gênero:

Mesmo que se admita que existem várias formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2003, p.43-44). A escola opera discursos e práticas fomentadoras de distinções entre os corpos sexuados desde a mais tenra idade ao separar meninos e meninas nas brincadeiras infantis, depois em grupos de estudos, nas repreensões e sanções diferentes para a mesma gravidade da falta cometida. Ao assim proceder, define o lugar do feminino e do masculino: o primeiro para ficar quieta, dócil, obediente e contentar-se em ser a pessoa secundária quando chamada pelo(a) professor(a); já o segundo desde cedo é treinado para ser o primeiro: o líder, o que fala alto e ocupa todos os espaços nas salas, pátios e nas brincadeiras, para quem a escola sempre tem uma desculpa: “são meninos”. Em assim sendo a mensagem subliminar esta posta, baseada

numa relação de poder em que prevalece o masculino sobre o feminino e será incessantemente repetida como verdade pura e acabada sem sofrer contestações. Por outro lado, ao analisar-se as relações de poder existentes no âmbito escolar a partir do olhar de Foucault (2007) atesta-se que não há centralidade e sim dinamismo e altercação de posições capazes de promover o diálogo e a manifestação de descontentamentos, podendo-se assim asseverar que a contestação por parte dos alunos da cultura imposta pela escola é uma reação ao poder supremo que esta instituição tenta exercer através de suas práticas, discursos, regulamentos e sanções. Ao rejeitar a cultura imposta, em parte ou em sua completude, os discentes demonstram o seu desacordo com os ditames da escola, com isso tentam enfrentar, minar seu poder. Essa rejeição revela-se através do exercício de múltiplas violências perpetradas contra o patrimônio material (depredação do mobiliário, paredes, instalações elétricas e hidráulicas, etc), assim como na violência contra professoras(es) e funcionárias(os) e, em número cada vez mais crescente, a violência dentro da escola tendo como alvos preferenciais as(os) alunas(os), pautando as relações sociais num espiral de violências que se cruzam e se retroalimentam³ ao tempo em que são ignoradas e/ou mesmerizadas pela equipe gestora e docentes que, como atesta Couto (2008), encaram as expressões da violência na escola como inerente ao comportamento dos jovens oriundos das classes populares e de lares cujas famílias são "desestruturadas". Existe grande dificuldade em definir-se o que é violência. Assim destaca-se que a violência contra outrem é aqui considerada como violação de direitos humanos, ou seja, toda ação capaz de violá-los, como defendido por Saffioti (2004) ao defender que a violência contra as mulheres transgride direitos fundamentais, muito embora critique a carta de 1948 ao considerar que esta trata dos direitos masculinos⁴.

2. Caminhos da pesquisa e as representações das alunas e alunos sobre o que é ser mulher e a relação com a violência na escola

No desenvolvimento do estudo de caso escolheu-se a etnografia como técnica de pesquisa por compreendê-la como a tentativa de descrição da cultura, ou seja, do conhecimento já adquirido que as pessoas usam para explicar, interpretar experiências e gerar comportamentos. Ao utilizar-se técnicas etnográficas, observação, entrevistas em profundidade e a análise de documentos, buscou-se descobrir novos conceitos e representações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher para alunos e alunas do ensino

médio. O uso desta técnica exige cautela uma vez que

A pesquisa etnográfica não pode se limitar à descrição de situações, ambientes, pessoas, ou à reprodução de suas falas e de seus depoimentos. Deve ir muito além e tentar reconstruir as ações e interações dos atores sociais segundo seus pontos de vista, suas categorias de pensamento, sua lógica. Na busca das significações do outro, o investigador deve, pois, ultrapassar seus métodos e valores, admitindo outras lógicas de entender, conceber e recriar o mundo (ANDRÉ, 1995, p. 45). Deste modo, ao falar de representações queremos dizer que estas englobam tanto as experiências quanto os sentidos e os significados que os atores atribuem a elas. É na relação entre experiência vivida e a construção social que ocorre a re-interpretação discursiva dos diferentes atores sobre sua realidade. A realidade neste contexto se reapresenta vestida de símbolos, linguagens, imagens e palavras. Deve-se enfatizar que não espera-se encontrar exemplos de representação unívocas isto por que

As ideias e valores podem ser transformados pelas representações individuais e coletivas, compondo um sistema de múltiplos níveis. Entrelaçadas às representações individuais, relacionadas à biografia de cada ator social, existem as representações coletivas, que são expressas por meio da linguagem, circulando nas mais diversas camadas da sociedade (ABRAMOVAY, 2004, p. 33). A partir destas representações pretendeu-se identificar, a partir dos depoimentos de 17 alunos e 16 alunas, a possível relação entre as representações do que é ser mulher e a ocorrência de violências na escola buscando assim ampliar a concepção sobre a constituição de identidades gendradas bem como nos aproximarmos de uma compreensão da violência na escola lastrada num referencial teórico que põe em foco as relações sociais entre homens e mulheres sob a ótica de gênero. O estudo da dinâmica da sala de aula, seguindo orientação de ANDRÉ (1995), ocorreu por intermédio da observação direta das situações de interação entre docentes e discentes e dos discentes entre si. Possibilitando apreender sentidos e significados circulantes entre os sujeitos participantes desta pesquisa os quais constituíram-se primordialmente em alunos e alunas do ensino médio da rede pública estadual de ensino da cidade de Aracaju (SE) situados na faixa etária entre 15 e 24 anos de idade. Fez-se necessário aproximarmo-nos dos/as alunos/as de modo a compreender quem são e o

que pensam da sua condição de gênero; rapazes e moças que adotam posturas, modo de ser e de viver fortemente cunhados no gênero masculino e/ou feminino. Para tanto tornou-se indispensável conhecê-los de modo a melhor perceber suas características, o que os distingue e o que os aproxima. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra de modo a preservar as falas dos depoentes. Para que ocorra o pleno exercício da condição humana é imperativo a desenvolvimento a partir das interações sociais. É por meio das interações sociais de cada sujeito realizadas no trabalho, no lazer, na família, na escola, etc., que este se constitui como ser social; é através das trocas e conflito de ideias, atitudes e comportamentos que vão sendo construídas as interpretações, os significados e a sua visão de mundo, de realidade, como percebe a si e ao outro no contexto específico em que vive. Portanto, são as interações em grande parte responsáveis pela (re)criação e sedimentação de culturas expressas nas representações que se tem sobre si e sobre o outro. Imbuída destes pressupostos questionou-se: o que é ser mulher?

Para as alunas *ser mulher* é: sofrer limitações uma vez que às mulheres não é conferida a mesma liberdade que é destinada aos homens. As alunas revelam que as mulheres “não podem usar de autoridade” (sic) no âmbito doméstico e são privada de uma série de coisas que são liberadas para os homens, devendo ser dóceis e flexíveis em suas ações. Também questionam a liberdade masculina de exercer a sexualidade, analisam que a sociedade é bastante permissiva para com os homens e reacionária contra as mulheres, as quais devem manter o respeito, “estar na linha” (sic) para ser considerada uma mulher de valor. Nos depoimentos dos alunos percebe-se claramente que os condicionantes sociais impostos às mulheres compõe também a identidade masculina ao definir lugar e comportamento distinto e de acordo com o sexo. Para eles,

Ser mulher é mais difícil, né?

Porque a sociedade tudo incuti na mulher, o preconceito é todo contra a mulher: não pode usar saia curta, mulher não pode ter muitos namorados e homem não. Ninguém vai comentar se um homem, um filho, chega em casa cinco horas da manhã, mas se é mulher, uma filha, todo mundo comenta. Acho que a mulher tem que se preocupar mais com o comportamento, com as regras. A sociedade cobra mais das mulheres do que dos homens (Aluno, 2º ano).

Acho que as meninas são mais comportadas meninas são bem tranquilas, algumas fogem do normal,...; fugir do normal é usar roupa muito curta, gostar de se aparecer, mas não são todas não (Aluno, 1º ano).

As meninas não se valorizam. Elas dão a entender que também querem aquilo, que querem ser assediadas pelos meninos. Tem as roupas e o andar sensual da mulher. Também não é só culpa dos homens. Não é um lado só que tem culpa desta situação, são os dois lados (Aluno, 3º ano). Sobre a construção da identidade de gênero é revelador verificar que as concepções tradicionais sobre como deve se comportar uma mulher esteve presente nos depoimentos dos alunos, demonstrando o longo percurso a ser desbravado na busca pela equidade entre os gêneros. Embora tendo-se jovens de ambos os sexos como respondentes observa-se que as mudanças de comportamento das mulheres são recebidas com resistência, pois há que se compreender que

A mulher foi socializada para conduzir-se como caça, que espera o "ataque" do caçador. À medida, no entanto, que liberta-se deste condicionamento, passa a tomar a iniciativa, seja no seio do casamento, seja quando deseja namorar um rapaz. Como o homem foi educado para ir à caça, para, na condição de macho, tomar sempre a iniciativa, tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas, quer para tomar a dianteira no início do namoro, quer para provocar o homem na cama, visando a com ele manter uma relação sexual, salvo no seio de tribos da juventude, pelo menos das grandes cidades, em que isto é uma prática corrente (SAFFIOTI, 2004, p. 27). Consultados sobre o que é ser mulher 67% dos alunos emitiram considerações análogas às elencadas a seguir:

Ser mulher é a mulher fazer seu papel que é o papel de todas as mulheres que é cuidar da família, compartilhar seu amor e seu carinho com o próximo (Aluno 1º ano). As alunas registraram (60%), que a sua identidade feminina, o ser mulher, está fortemente atrelada aos cuidados com o corpo e a serem signatárias da capacidade reprodutiva: o ser mãe; sendo que este é desígnio da natureza, supostamente, as inspira a serem batalhadoras, persistentes, capazes de expressar livremente sentimentos e emoções, algo refreado para os homens que a todo momento são instados a (re)afirmar a masculinidade através da ostentação da virilidade, agressividade e força

bruta, pois a eles é cobrado uma rigidez permitida e até mesmo exigida das mulheres. Embora os alunos associem beleza à feminilidade preocupam-se com a própria honra e com as meninas que “não se valorizam” (sic). Sobre a construção do masculino e a honra como aspecto formador da identidade masculina, concorda-se que

Os sentimentos definidores das relações de gênero no mundo mediterrâneo, do qual somos caudatários, se dão em torno do complexo moral da honra e da vergonha. [...] A honra masculina é construída de modo dependente da mulher, da sua postura e comportamento social. Portanto, a mulher de respeito é aquela que honra o marido, que o faz homem (GROSSI, 2004, p. 12). Serem rotuladas pelos homens como o “sexo frágil” foi rejeitado por 45% das alunas, porquanto entendem que as inúmeras atribuições diárias a elas imputadas depõem em contrário; consideram que este rótulo é uma forma de os homens exercerem seu poder e controle sobre elas, diminuindo-as e limitando suas ações. Há que se notar que a violência simbólica (Bourdieu, 2005), se faz presente pelas vias da comunicação, através de discursos e práticas rotineiras supostamente naturais e a-históricas gradativamente solidificadas sem que o sujeito mulher se aperceba da virulência que determinados rótulos, piadas, apelidos, constroem representações de feminilidade lastradas em estereótipos que denigrem o feminino, e diminuem o valor das mulheres. Ainda, há que se enfatizar que

Os discursos traduzem-se, fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos. Por isso, para educadores e educadoras importa saber como se produzem os discursos que instituem diferenças, quais os efeitos que os discursos exercem, quem é marcado como diferente, como currículos e outras instâncias pedagógicas representam os sujeitos, que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui (LOURO, 2003, p. 47).

As alunas consideram-se violentadas ao serem olhadas pelos homens como se fossem objetos, “um pedaço de carne”, e também porque “a sociedade machista julga a mulher por pequenos atos” (sic) criando vários preconceitos que as coloca em situação hierarquicamente inferior em relação aos homens. Causou espanto as representações do masculino expressas

pelas alunas. Em 85% das respostas os homens foram retratados como sendo: mal educados; mandões; grosseiros; rudes; brutos; apressados; impacientes; dominadores; capazes de praticar violências contra as meninas/mulheres e contra os meninos para mostrar que têm poder; intoleráveis no trato diário. Esta representação negativa que as alunas têm dos homens contribui para entender por que

[...] paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente. Isto posto, a ruptura de integridades como mecanismo de avaliação de um ato como violento situa-se no terreno da individualidade (SAFFIOTI, 2004, p. 75). Ao contrário das alunas, apenas 30% dos alunos associaram masculinidade à violência; para eles é parte da construção cultural fazer uso da força, impor sua vontade e solucionar conflitos de modo violento, assim como assediar as mulheres. Há que se destacar que a maioria deles percebe a violência em sua forma letal e danosa, aquela que machuca, sangra e deixa marcas.

Não posso generalizar os homens porque tem diferenças. Mas eu vejo que tá tudo muito banalizado, pessoas batendo em outras simplesmente pela intolerância ao diferente (Aluno 2º ano).

Aqui na escola os meninos tratam as meninas como se fossem objeto sexual, simplesmente isso. Eles olham para as meninas e só veem o desejo. Precisam aprender a dominar isso (Aluno 3º ano). Embora assumam-se como machistas, grosseiros, brutos, e embora afirmem rejeitar a violência contra as mulheres, admitem que algumas delas por supostamente agirem errado, merecem maus tratos:

Uma mulher é como uma rosa onde o homem não pode por a mão. Tem que *guardar ela* pra sempre. Hoje em dia a gente vê que tem pessoas que pegam as mulheres e fazem coisas que não devem, machucam, batem, matam, maltratam. Tem mulher que tem seu erro, né?

(Aluno 2º ano). Ou seja, a mulher, ao fugir do estereótipo de feminilidade culturalmente estabelecido, faz jus ao tratamento lastrado em violência a elas conferido pelos homens. É uma maneira de, através da violência, colocá-las em seu devido lugar: a subalternidade, desde que é papel da

mulher “cuidar das coisas do homem: a casa e os filhos” (sic). A divisão sexual entre homens e mulheres ocorre porque o gênero está associado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; ou seja, a distinção entre sexo e gênero é fundamental, pois muitas diferenças entre homem e mulher não são de origem biológica. Logo, se observa que o gênero é um conceito socialmente criado que atribui aos homens e às mulheres papéis sociais e identidades distintas. O gênero dá significado às diferenças que são produzidas socialmente; e mediante o processo de construção do gênero, a sociedade lança mão de ideias sobre ser homem e ser mulher e o que é próprio de cada sexo. Contudo, a sua simbolização cultural, além de macular os sexos, macula o social, o religioso e o político. Saffioti, em seus estudos, destaca que:

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem (SAFFIOTI, 1993, p. 8). Observa-se que as relações entre homens e mulheres são, de modo geral, hierárquicas, desiguais e permeadas por mecanismos excludentes. As mulheres são constantemente abordadas na história como sujeitos incompletos, seres relativos. “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1990, p. 10). Mesmo com todas as conquistas realizadas nas esferas social, política, econômica e cultural, elas ainda ocupam posição subalterna na sociedade. Historicamente, em diferentes sociedades, as mulheres e os homens se estabelecem, e através da modificação da natureza, produzem sua existência, bem como produzem bens materiais, culturais e ideias. Nessa linha de reflexão, compreende-se que as representações são estruturadas pelo contexto histórico e pela sociedade e se constituem em exigências para a mulher e para o homem, cujas experiências são distintas, em cada tempo histórico, bem como não são constituídas de modo atemporal. **Breves Apreciações Conclusivas** Preocupa a lucidez das alunas ao perceberem a virulência com que a construção de masculinidades violentas as atinge em suas várias facetas, principalmente a violência simbólica. O que nos faz refletir sobre quais têm sido as experiências vivenciadas fora da escola por essas alunas e sobre os valores em que estão sendo pautadas as relações entre homens e mulheres

em suas interações rotineiras. Note-se que não houve registro durante a permanência da pesquisadora na escola de expressões de violência física entre discentes, mas quando questionados alunas e alunos indicaram os meninos como aqueles que mais se envolvem em atos de violência na escola, reproduzindo o que já é público e notório nas estatísticas sobre homicídios no Brasil. No tocante às representações das identidades de gênero verifica-se a permanência de concepções arraigadas convivendo lado a lado com percepções contraditórias sobre o que é ser mulher na contemporaneidade, porém mais afinadas com os novos espaços de poder conquistados pelas mulheres, revelando seus reflexos entre os alunos e alunas adolescentes. As alunas acreditam que as mulheres estão mudando porque “estão investindo na educação” (sic) formal o que lhes trará possibilidade de desvencilharem-se do poderio econômico masculino e, assim, terem autonomia e liberdade. Cabe compreender que [...]. O grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo (LOURO, 2003, p. 49). O que nos reporta ao papel da escola na condição de ente construtor e (re)produtor da história na qual permanece uma visão naturalista e essencialista de relação entre homens e mulheres. Advoga-se uma escola signatária de uma visão da história que insira em suas páginas a relação entre os sexos numa dimensão dialógica, relacional, na qual os conflitos sejam encaminhados através do diálogo e do respeito mútuo. Tendo em vista que a escola há muito não é mais representada como o lugar neutro, dedicado exclusivamente à vivência do ensinar e do aprender. Assim, um passo importante para a compreensão da complexidade da escola é reconhecê-la como guardiã da diversidade, pois nela habitam e interagem alunas (os), mães, pais, professoras (es) e profissionais em geral, e cada um desses traz para a escola sua história de vida, sua expectativa social, seus valores, suas dificuldades e potencialidades, e juntos consagram relações sociais de toda ordem.

Referências BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005. COUTO, Maria Aparecida. **Violências e gênero no cotidiano escolar**:

estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão/SE, 2008. Núcleo de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2008. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vildore (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 – (Coleção Brasil Urgente). SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1993. SANTANA, Anabela Maurício de. **Relações de gênero, trabalho e formação docente: experiências de mulheres da Escola Estadual Professor Valnir Chagas, Aracaju/Se**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão/SE, 2014. Núcleo de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2014. SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. S.O.S. Corpo. Recife, 1991.

Referências BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 7 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005. COUTO, Maria Aparecida. **Violências e gênero no cotidiano escolar: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual sergipana**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão/SE, 2008. Núcleo de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2008. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 24 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vildore (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. SAFFIOTI, Heleieth I.B.

Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 – (Coleção Brasil Urgente). SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1993. SANTANA, Anabela Maurício de. **Relações de gênero, trabalho e formação docente:** experiências de mulheres da Escola Estadual Professor Valnir Chagas, Aracaju/Se. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão/SE, 2014. Núcleo de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2014. SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. S.O.S. Corpo. Recife, 1991.

3 Charlot (2005), denominou de violência na, da e à escola as diferentes expressões da violência que ocorrem no âmbito escolar. 4 Olympe de Gouges foi sentenciada à morte na guilhotina por ter escrito a “Declaração Universal dos Direitos da Mulher e da Cidadã”.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Faculdade AMADEUS, Aracaju/Se. Secretária de Estado da Educação de Sergipe. Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq: “Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero” – UFS. Email: cidabasc@hotmail.com

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, Professora Tutora do Centro Superior de Educação a Distância da UFS. Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq: “Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero” – UFS e do Grupo “Gênero, Família e Violência” – UNIT, Aracaju/Sergipe/Brasil. E-mail: [ana_santana@oi.com](mailto:ana_santana@oi.com.br)

[.br](mailto:ana_santana@oi.com.br)

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: